

## DICIONÁRIOS DE FIGURAS E MITOS LITERÁRIOS DAS AMÉRICAS

### Exemplos de Verbetes

#### Civilização e Barbárie



#### I - Apresentação

A figura do bárbaro foi criada pelos antigos para designar o estrangeiro não possessor da cultura greco-romana. Dessa forma, qualquer indivíduo posicionado fora do universo cultural helenístico era considerado como simplesmente desprovido de cultura: bárbaro significando “aquele que balbucia algo incompreensível” faz do idioma o elemento denunciador da existência do *outro*. Estabelecendo-se esse preconceito através de estereótipos culturais, fez-se emergir, em contrapartida, a noção de civilização enquanto organização de sistemas. Só aquilo que pertence a *nossa* cultura seria civilizado, todo o resto é considerado bárbarico.

Foi, entretanto, com a ascensão da Europa Ocidental como polo dominador que a dualidade civilização e barbárie se impôs na condição de elemento justificador de poder sobre a periferia do sistema. Nesse sentido, o termo civilização sofreu apropriação associando-se à

idéia de cientificismo e de progresso e desqualificando as civilizações mais antigas do mundo, consideradas bárbaras, para que as potências coloniais legitimassem dominações e justificassem massacres cometidos. Trata-se do fruto de uma incompreensão, de uma situação de estranhamento onde a problemática do *outro* constitui a substância essencial e o etnocentrismo, o motor ideológico. O bárbaro é o *outro*, aquele fora dos limites políticos e morais de uma comunidade cristã que se via universal.

No continente americano, desde o primeiro olhar do conquistador ibérico sobre a terra nova, passando pelas iniciativas científico-civilizacionais e o esforço de “definição” de uma identidade americana, até as recentes retóricas de combate ao terrorismo internacional, a categoria dual civilização e barbárie constitui uma das grandes marcas identitárias.

A antinomia civilização e barbárie conhecerá uma dinâmica singular tanto no contexto literário quanto no âmbito da ciências sociais e dos textos historiográficos, ganhando diferentes dimensões semânticas e variadas aplicações eufemísticas.

## **II – Histórico**

A história conta que nos primórdios da nossa era, povos nômades do norte e leste da Europa migram para o sul do continente em busca de novas terras, deixando, ao passarem, um rastro de destruição. Germanos, Vizigodos, Vândalos, Francos e Unos, entre outros, foram protagonistas de eventos cuja historiografia qualificou de “invasões bárbaras”. Apesar de ter sido já evocada pelos antigos, a figura do bárbaro ganhará um maior impacto nesse momento histórico sendo utilizada para designar os povos estrangeiros ao mundo greco-romano, considerados primitivos, incultos, atrasados e brutais, ou seja, situados na contramão de uma ordem percebida como ideal e legítima.

No imaginário, o bárbaro vindo a ser o *outro* implicitamente inferior segundo o sistema de valores técnicos, morais e espirituais estabelecidos pelos que se situam fora do universos dos *outros*, o primeiro olhar ibérico lançado sobre as terras virgens americanas brilhará de estupefação guindado pelo encontro de dois universos que se ignoravam e que se descobriam sob o signo da surpresa, temor e fascinação mútua. Investidos de um sentimento de superioridade cultural e imbuídos de uma missão divina, a imagem do homem ocidental será erigida como modelo absoluto a partir do qual se medirá o grau de humanidade.

A dissemetria estrutural das relações europeano-americanas engendrou uma verdadeira crise cultural ao mesmo tempo que favoreceu o desenvolvimento de uma idealização mítica

recíproca. Mas o uso perverso da antítese civilização e barbárie atingiu seu auge na fase escravagista. A superioridade técnica e científica do colonizador iria justificar e legitimar a disseminação de um poder dominador e absoluto. A missão civilizadora que este se atribuía ou que lhe tinha sido atribuída pela Providência entendia retirar da barbárie os “infelizes nativos, meio demônios e meio crianças”, nas palavras de Rudyard Kipling.

A doutrina evolucionista foi a expressão teórica dessa convicção. Difundida na Europa na segunda metade do século XIX, penetrou a América inicialmente pelos Estados Unidos para se acomodar em graus diversos no conjunto do pensamento latino americano. Evolucionismo, Positivismo e Iluminismo formarão um coquetel teórico que irá irrigar mentes e inspirar políticas sociais e econômicas americanas respaldadas no postulado do progresso portador de civilização.

Este coquetel teórico irá alimentar movimentos nacionalistas. Foi assim em diversas partes do continente; foi assim no Brasil onde o evolucionismo aliado ao positivismo de Augusto Comte inspirará, na virada do século XIX, uma elite ilustrada que buscava construir uma identidade nacional a partir da definição do *homo brasilianus*. Idéias raciológicas vindas da Europa na esteira dessas doutrinas reivindicavam a superioridade da raça branca e apresentavam a miscigenação étnica como uma decadência da pretensa soberba ocidental. Análises de teóricos europeus como Vacher de Lapouge, Gobineau ou Buckle, condenavam o Brasil a um triste destino devido a sua incapacidade em evoluir para a civilização devido a presença de vários tipos de sociedade, das tribais às complexas. O índio e o negro eram apresentados por escritores brasileiros como Nina Rodrigues, Sílvio Romero ou ainda Euclides da Cunha como entraves ao processo civilizatório. Entretanto será com *Casa grande e Senzala* (1932) que Gilberto Freyre romperá com este pensamento, colocando em destaque o valor positivo da miscigenação entre negro, índio e branco e propondo assim uma nova abordagem identitária através da incorporação do “bárbaro” à nação.

A segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX foram assim dominadas sob várias formas e apresentações pela temática do desenvolvimento. A ideologia do progresso passou a ser uma das categorias fundamentais do pensamento das classes médias latino-americanas que buscavam estar no diapasão com as classes dominantes da Europa e, por conseguinte, em fase com o modelo civilizacional proposto por estes setores. Centro e periferia tendo como desdobramento implícito a polarização entre civilização e barbárie, será a tônica desta fase histórica pelo qual passará o continente latino-americano. O século XX vai oferecer novas vias para se pensar essa relação pautada na inversão e/ou reformulação das categorias utilizadas pela retórica modernizadora. Visando superar as perspectivas

eurocentristas de representação do ethos e da sociedade americana, a hora é de buscar fórmulas que levariam a uma modernidade própria, de bases autóctones através de uma ação discursiva de valorização da *nuestra América* em ruptura com a *mère patrie* européia.. Sobretudo a partir dos meados do século XX, surge uma nova abordagem do conceito de civilização, esta não será mais apreendida no sentido de refinamento, exemplaridade normativa, paradigma a ser tomado como modelo. Ela virá a ser muito mais uma positividade empírica do que uma esfera de valores ideais, despojando-se assim de seu caráter universal e singular para ser conjugada na sua dimensão plural. É na esteira desta focalização que A. Toynbee versara na análise das civilizações que se sucederam na história da humanidade e que O. Spengler alertara para o declínio inexorável da civilização ocidental.

O conceito de civilização se vê assim privado de seu conteúdo normativo e esvaziado de sua força polêmica cuja a antítese civilização e barbárie seria a sua projeção mais significativa. Civilização e barbárie seguirá um caminho de epuração de seu ranço etnocêntrico até se deparar com eventos recentes. Os atentados que feriram a alma estadunidense em 2001 acabaram por provocar uma reestruturação abrupta da arquitetura geopolítica do mundo onde a polarização civilização e barbárie parece ter sido reascendida por um tempo não conhecido e com desdobramentos imprevisíveis.

### **III - Campo de aplicação**

A idéia de civilização vai impor-se de forma mais sistemática no século XIX latinoamericano, estritamente ligada à noção de progresso. Desde as rupturas independentistas dos diversos países da região com a metrópole ibérica, a tônica do progresso irá se inscrever na base de todos os projetos de construção de identidades nacionais. A “religião da humanidade” comtista acaba por intervir no esforço de secularização da história providencial colonizadora e impor um racionalismo universal. A hora era de construir as nacionalidades calcadas *grosso modo* em dois principais projetos que se opunham: conservador e liberal. O primeiro, ligado notadamente à posse da terra e avesso à idéia de progresso, era partidário de um poder centralizado e forte suscetível de perenizar privilégios; o segundo, internacionalista e constitucional, entendia que o nacional deveria necessariamente passar por riscos econômicos e absorção de uma estética exógena. Liberais e conservadores representavam a

oposição entre latifundiários e empresários, campo e cidade, Europa e América, refinamento e rudeza, civilização e barbárie.

Essa bipolaridade explicativa irá se manifestar nos escritos do argentino Domingo F. Sarmiento. Em *Facundo* (1845), Sarmiento envolvido na definição da argentinidade, irá formular um projeto de construção nacional inspirado no mito liberal. Em oposição ao segmento oligárquico, Sarmiento fustiga a mestiçagem étnica enquanto elemento fundador da “personalidade argentina” e acredita que somente os imigrantes vindos da Europa poderiam implantar o progresso em terras pampeanas. Dos mestiços viriam as vicissitudes que atravancariam o projeto civilizador inspirado no mito positivista: ociosidade, incapacidade industrial, barbárie. É a aspiração de uma Argentina branca que se encontra no projeto sarmientista. Designando o índio e as oligarquias rurais como principais agentes da barbárie, Sarmiento erige a urbanização enquanto signo de civilização: a cidade representa o suprassumo da modernidade ao passo que o mundo rural não passa de um reduto barbárico.

No sub-título de *Facundo*, intitulado Civilização e Barbárie, Sarmiento encena uma dialética definidora da prática política e cultural que se manifesta no conjunto da América Latina. Para ele, civilização seria o verniz de refinamento, as idéias progressistas e libertárias e conceitos estéticos vindos da Europa. Barbárie, ao contrário, traduziria a natureza do Pampa indomável e rude, a crueldade e a arrogância dos caudilhos, tiranos incultos submetidos a uma vida primitiva. *Facundo* foi o deflagrador de um discurso dialético qui animou, emblematicamente, sob o signo da civilização versus barbárie, toda uma literatura novelística e ensaística do continente latino-americano. Assim será na própria Argentina com Juan Bautista Alberdi em *Bases e puntos de partida para la organización política de la República Argentina* (1852) e Florentino Ameghino em *Filogenia* (1884), na Colômbia com Eugenio Díaz Castro em *Manuela* (1889) e Nataniel Aguirre em *Juan de la Rosa* (1885), na Venezuela e Chile com Andrés Bello ou ainda no México com Justo Sierra.

Entretanto, no crepúsculo do século XIX, observar-se-à uma tentativa de desmistificar a matriz discursiva européia. Adotando uma nova postura estética e intelectual, o cubano José Martí, buscando superar a representação eurocentrista do sujeito americano pautada nesta polarização, proporá uma sociedade alternativa condensada na idéia-título do ensaio *Nuestra América* (1891). Na contramão da retórica modernizadora da época, o discurso martiano repousar-se-à no projeto de uma modernidade própria, de bases autóctones, capaz de definir o

ser nuestroamericano a quem Martí buscará mediar e representar através de uma ação discursiva utópica.

Obedecendo esta dinâmica, o início do século XX irá apresentar o que se poderia chamar de “revanche da barbárie”. Sofrendo um processo de ressemantização, a categoria barbárie conhecerá uma notável evolução ao ponto de produzir uma verdadeira inversão do binômio civilização e barbárie. Uma corrente colorida de um telurismo reivindicatório das raízes do gaúcho pampeano ganhará força na virada do século, indo constituir-se, principalmente nas terras platinas, em um grande movimento nacionalista. José Hernández em *Martín Ferro* (1872), será o principal deflagrador deste movimento. Contrariamente a Alberdi que acreditava que somente o aporte de uma imigração europeia seria capaz de civilizar e atenuar a rudeza do argentino, Hernández via como uma nova barbárie a implantação planejada de sujeitos vindos da Europa. Percebe-se aqui uma inversão valorativa e um deslocamento de sentido da categoria barbárie, a cultura europeia sendo assim contestada enquanto portadora de civilização. Os traços culturais locais serão valorizados como geradores de nacionalidade com a qual se identificará o novo argentino. A barbárie exaltada por Hernández é uma barbárie dotada de positividade, reparadora e libertadora, associada necessariamente ao universo rural e às lides do campo, uma barbárie anterior à consolidação da grande propriedade, que reivindica os valores “rotos, cholos, gaúchos”. Hernández se coloca em oposição a Sarmiento, no que diz respeito a defesa dos valores do homem americano, invertendo a oposição campo/cidade. *Martín Ferro* é vítima da injustiça social, da desordem governamental e em total desilusão face as promessas frustradas do “projeto civilizador”.

Por outro lado, Julio Cortázar em *Casa tomada* (1949) e Jorge Luis Borges em *A casa de Asterión* (1949) irão registrar a preocupação da classe média argentina no que diz respeito a imigração interna caracterizada pela irrupção massiva de pobres no espaço urbano, estimulada pela ascensão do peronismo nos meados do século, se valendo igualmente da oposição entre bárbaros e civilizados.

No contexto brasileiro, o romantismo alencarino irá metaforicamente se valer, a sua maneira, desta polarização. Mitificando o indígena em torno de uma aura “civilizada”, José de Alencar tentará em obras como *O guarani* (1857) ou *Ubirajara* (1874), esvaziar o sujeito autóctone da sua essência cultural. Nesses textos a bopilaridade tenderá a ser neutralizada através de uma dinâmica emasculatória de integração do bárbaro à civilização redentora. A

figura idealizada do “bom selvagem” será a fonte inspiradora para moldar os personagens em *O Setanejo*(1875) e o *Gaúcho*(1870). Em outros textos do período como *O Índio Afonso* (1873) de Bernardo Guimarães ou *O Cabeleira* (1876) de Franklin Távora, as categorias civilização e barbárie serão igualmente operadas entretanto de forma menos implícitas, dando um maior relevo à dialética discursiva.

Euclides da Cunha, por sua parte, ao apropriar-se do drama de Canudos irá em *Os Sertões* (1902) prolongar o discurso de continuidade e aporia do debate avivado por Sarmiento em *Facundo*. Os dois autores apontando para uma mesma direção irão dar relevância ao contraste entre campo e cidade, o alheio e o próprio, o desconhecido e o conhecido, americano e o europeu, o litoral e o interior, o bárbaro e o civilizado, numa visão dualista da sociedade que esboça uma teoria implícita das duas Argentinas e dos dois Brasis.

Euclides da Cunha voltado para a realidade sertaneja do latinfúndio, da servidão, do isolamento cultural, da dureza do meio, irá assim diagnosticar dois brasis contradórios vivendo de costas um para o outro. Canudos foi o resultado do confronto entre o Brasil do litoral e o Brasil do sertão, realidades distintas entre si no espaço e no tempo. Um encarnando a República, o progresso, o modo de vida urbano, a expansão secular da civilização; o outro personificando o atraso, as trevas da superstição, o fanatismo religioso, o obscurantismo, o inimigo mortal dos valores da civilização ocidental, Antonio Conselheiro aparecendo assim aos olhos das elites urbanas como a própria encarnação do mal e da barbárie. A lógica oposicional que norteará os ideais republicanos de progresso e modernidade apoiados num tropismo europeu apontará para a incompreensão e, conseqüentemente, para a destruição do estranho, do *outro* que desnorteia. Ao se defrontar com os requintes de crueldade através dos quais o exército republicano irá dizimar Canudos, Euclides da Cunha descreverá, nas entrelinhas, a irracionalidade da “civilização”, em sua guerra contra a “barbárie”, deslocando assim a “legitimidade” e “univocidade” da categoria civilização. Para proteger a civilização contra a barbárie lançar-se-à mão de métodos atribuídos ao próprio universo tido como bárbarico significando assim o caráter móvel e reversível da bipolaridade civilização e barbárie segundo o *locus* de onde parte o olhar.

Espaço geográfico de fronteiras mal definidas, estagnado num estágio arcaico de desenvolvimento, metáfora do irracional, o Sertão será uma das regiões brasileiras onde a polaridade civilização e barbárie encontrará ao longo do tempo um campo privilegiado de múltiplas representações tanto no universo literário quanto no contexto artístico, ethnográfico

ou folclórico. Considerado como o “descobridor” do Sertão, Euclides da Cunha fará dessa região objeto de um vivo interesse abrindo assim uma via privilegiada para a leitura do Brasil. Na esteira de *Os Sertões* vieram textos como *Vidas secas* (1938) de Graciliano Ramos, *Pedra Bonita* (1937) e *Cangaceiros* (1953) de José Lins do Rego, *Grande sertão: veredas* (1956) de Guimarães Rosa, onde se insinuara de forma sugerida ou de maneira explícita a antinomia civilização e barbárie. A filmografia irá igualmente empregar-se da temática nordestina e operará com esta polarização através da obra de Glauber Rocha (*Deus e o Diabo na Terra do Sol*, 1963), de Ruy Guerra (*Os fuzis*, 1964) ou ainda Nelson Pereira dos Santos (*Vidas secas*, 1963) no período do cinema novo. Os nordestinos Gilberto Gil, Gal Costa, Maria Bethânia e Caetano Veloso irão, na turnê *Doces bárbaros*, subverter, no âmbito musical, a carga dramática e atenuar a tensão da terminologia, numa postura libertária de viés ao pensamento conservador dos anos de ditadura militar.

Em *Breviário das terras do Brasil* (1997) e *O pintor de retratos* (2001), Luiz Antonio de Assis Brasil, valendo-se da questão de como os modelos culturais europeus introduzidos no Brasil são recebidos, subvertidos e transculturados no âmbito principalmente da cultura gaúcha irá, como *toile de fond*, igualmente lidar com a temática civilização versus barbárie.

Por outro lado, a ideologia do progresso portador de civilização será seriamente questionada e a suposta superioridade do Ocidente contestada, com o advento dos dois grandes embates belicistas do século XX. A carnificina irracional da primeira guerra mundial e o genocídio planejado da segunda, reforçarão consideravelmente o debate sobre o próprio significado de civilização e aguçará a dificuldade em definir-se objetivamente o campo da barbárie. Ezequiel Martinez Estrada em *Radiografia de la Pampa* (1933) afirmaria que civilização e barbárie são categorias interpenetráveis cujas as diferenças respectivas são dificilmente detectáveis. O desencantamento em relação ao mito do progresso se verá igualmente na obra do peruano José Carlos Mariátegui. Em *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana* (1928) o ensaísta desenvolve a noção de uma América indo-espanhola cuja a identidade será centrada no índio e no negro, relativizando assim o aporte progresso/civilização devido sua conotação eurocentrista.

O nazismo e o fascismo contribuiram de forma determinante para o esmorecimento do mito civilizador. Estas filosofias elaboradas e colocadas em prática no próprio seio do que era tido como o modelo civilizacional por excelência, mostrou que os horrores da barbárie era o próprio resultado da lógica do progresso. Na Escola de Frankfurt, Adorno e Horkheimer

afirmariam que aqueles horrores cometidos não eram simplesmente acidentes na história da civilização ocidental mas faziam parte de um processo iniciado com a lógica racionalista do Iluminismo. A crise do conceito de civilização irá igualmente tomar lugar nas ciências sociais onde, principalmente Claude Lévi-Strauss e Michel Leiris, separando a noção de civilização de sua sinonímia com o Ocidente, irão suprimir a diferença entre civilização e cultura e invalidar a idéia de hierarquia que até então acompanhava irremediavelmente a noção de civilização. O descrédito desta noção parece irreversível no pensamento europeu ao ponto de ser evocado pontualmente de forma pejorativa para designar o mundo ocidental como o fez recentemente Georges Balandier em *Civilisés, dit-on!* (2003).

Na América Latina, a filosofia marxiana que varou de ponta a ponta o continente principalmente nos anos 60 e 70, a implantação de sistemas políticos autoritários que em muito deles foram impostos pelo o que se passou a chamar de “impérialismo ocidental” e a desintegração do bloco soviético, constituirão ingredientes fundamentais para reforçar o descrédito que se abateu sobre a idéia de progresso gerador de civilização e atenuar de maneira considerável a polaridade civilização e barbárie.

Entretanto, os atentados ocorridos nos Estados Unidos da América em 11 de setembro de 2001 parece ter avivado uma dicotomia tida como definitivamente sepultada nos porões da história. Formulações como “Ocidente e Islã”, “Nós e Eles”, “O mundo civilizado e o terrorismo selvagem”, traduzem uma representação maniqueísta do mundo e a reinstalação de dois paradigmas discursivos: o da “civilização” associado aos valores positivos do bem, da liberdade, da democracia, dos direitos humanos e o da “barbárie”, veiculador de valores negativos, do mal, da servidão, da opressão, do integrismo religioso. Esta representação que encontrou eco não somente nos Estados Unidos, esforça-se em legitimar a missão redentora da nação americana, guardiã dos valores éticos e morais, braço secular do mundo livre e civilizado. As teses de Samuel Huntington sobre o choque de civilizações em *The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order* (1996) fornecerá uma leitura geopolítica do mundo compatível com este novo soluço da história.

#### **IV - Síntese crítica**

Mesmo que seja preciso lidar com muita prudência com oposições binárias sobretudo em tempos onde elas muitas vezes se interpenetram mais e mais dando assim lugar a polifonias, heterogeneidades e cruzamentos, as identidades nas Américas sempre foram

apresentadas como o reflexo de um processo dialético permanente entre binômios como continuidade e ruptura, tradição e modernidade, integração e mudança, evasão e enraizamento, abertura para o *outro* e fechamento sobre si, dinâmica que se traduziria, num duplo movimento, por um nacionalismo centrípeto e um universalismo centrífugo. A dialética entre civilização e barbárie dentro desta lógica pode ser considerada como um dos questionamentos basilares para a formação de uma identidade americana. Manifestando-se de forma diversa segundo o lugar de onde é emitido o olhar, acomodando-se em função das fases socio-políticas pelas quais o continente passou, implícita ou explicitamente, civilização e barbárie trespassou toda a produção literária e ensaística das Américas. Desde o primeiro olhar ibérico sobre as terras novas até o processo de reestruturação da arquitetura geopolítica do mundo atual, passando pelas iniciativas civilizacionais ou ainda no esforço de definição de espaços nacionais, civilização e barbárie faz parte da gramática semântica que anima conflitos de poder e legitima a unicidade do olhar, podendo assim obliterar vias de diálogo entre diferenças.

## **V – Bibliografia**

BIGNOTTO, Newton et al.. *Civilização e barbárie*. São Paulo : Companhia das Letras, 2004.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador - Uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

GERBI, Antonello. *O Novo Mundo. História de uma polêmica (1750-1900)*, São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

HURBON, Laënnec. *Le barbare imaginaire*. Paris: Cerf, 1988.

ROJAS MIX, Miguel, *Los cien nombres de América*. Barcelona: Editorial Lumen, 1991.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América. A questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

## **VI - Autor do verbete**

João Luiz Medeiros

